

# A CURA QUE RESTAURA A ALMA

Descubra a revolução terapêutica de  
Cristo para quem já tentou de tudo



Um convite gratuito à cura interior.  
Inclui o 1º capítulo completo do livro  
*A Cura de Cristo: Uma Evidência Divina*

# **A Cura que Restaura a Alma**

## **Descubra a revolução terapêutica de Cristo para quem já tentou de tudo.**

Você já sentiu que algo dentro de você está quebrado, mas não sabe exatamente o que? Já buscou conselhos, orações, leituras, terapias... e mesmo assim, lá no fundo, ainda há um desajuste que insiste em doer?

Este livro é para você. Não importa onde você esteja, quantas vezes caiu ou quantas máscaras já usou para tentar parecer bem.

A Cura que Restaura a Alma é um chamado. Não ao esforço religioso. Nem à tentativa superficiais passageiras. É um reencontro verdadeiro com Cristo — não aquele moldado pelo moralismo, mas aquele que olha para sua dor e oferece um caminho de reconstrução real.

Baseado em fundamentos da psicologia existencial, filosofia da maturidade e nas palavras de Jesus como caminho terapêutico, este livro vai te levar a uma jornada de travessia — do adoecimento silencioso à restauração interior.

Inclui, neste eBook gratuito, o primeiro capítulo completo do livro *A Cura de Cristo: Uma Evidência Divina*.

## **O Adoecer da Alma**

O ser humano foi criado para viver em participação — com Deus, com o outro, consigo mesmo. Mas o homem, em sua liberdade, escolheu romper essa relação. A partir desse rompimento, o ser humano mergulhou naquilo que chamamos de desconexão ontológica: não sabe mais de onde vem, não sabe mais por que existe, e, ainda assim, sente que precisa se afirmar no mundo. Esse estado é o alicerce do adoecer da alma.

Neste capítulo, Mauro Teixeira propõe uma leitura profunda da alma ferida, apresentando quatro níveis de adoecimento e suas implicações: o corpo vivo e sensível, o modo de ser, o modo de estar e a instalação vivencial. Com base em autores como Lavelle, Binswanger, Frankl e a Escritura Sagrada, o texto revela como a separação entre o ser e o sentido é a ferida original que pode ser curada por meio do reencontro com Cristo.

# Capítulo 1

## O Adoecer da Alma: A Ruptura entre o Ser e o Sentido

### 1. Criados para o Vínculo

O ser humano foi criado para viver em **participação** — com Deus, com o outro, consigo mesmo. Esse é o fundamento da vida segundo Lavelle (2012): a existência não é isolamento, é relação.

*“Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só...” (Ge 2:18)*

Desde o princípio, **nossa identidade nasce no vínculo.** Como um peixe que vive porque está no mar. Como uma planta que floresce porque está na terra.

Mas o homem, em sua liberdade, escolheu romper essa relação. A desobediência não foi apenas uma infração moral — foi uma ruptura ontológica. Separou-se da Fonte, cortou a raiz. E passou a viver **como se pudesse Ser por si mesmo.**

A partir desse rompimento, o ser humano mergulhou naquilo que chamamos de **DESCONEXÃO ONTOLÓGICA**<sup>1</sup>: não sabe mais de onde vem, não sabe mais por que existe, e, ainda assim, sente que precisa se afirmar no mundo.

Esse estado, é o alicerce do adoecer da alma. Porque o ser foi separado do sentido, e agora tenta desesperadamente reconstruir-se — muitas vezes, por caminhos que apenas acentuam sua queda.

## 2. A Vida como Tensão entre Ser e Sentido

A existência humana é um movimento dinâmico entre dois pólos: o **SER** — enquanto complexidade conjuntiva da vida — e o **SENTIDO** — como direção existencial que transcende o eu.



A vida saudável é aquela em que o ser se abre ao **sentido** — quando há identificação, instalação, participação e direção.

---

<sup>1</sup> **Desconexão ontológica** – Estado existencial de perda de vínculo com a origem, o sentido e a direção da vida. É a ruptura entre o ser e a Fonte, marcada por angústia, vazio e necessidade de autoafirmação.

Mas o adoecer ocorre quando essa tensão é vivida **como peso e com estagnação**.

Então a alma adoecida em vez de se oferecer ao sentido, passa a se ajustar com muitas **astúcias e ilusões**, desviando-se do fluxo vital, do devir que sustenta a existência autêntica.

### **3. A vida Humana em Quatro Mundos**

Segundo Signoreli (2011), a proposta do psiquiatra Ludwig Binswanger se desdobra sempre em relação com quatro grandes dimensões do **mundo vivido**, que estruturam a forma como cada pessoa é e se expressa no mundo.

**Mundo Próprio** – Eigenwelt: A Expressão da Alma: consciência, eu, mente, personalidade. Onde todas as experiências são filtradas e integradas.

**Mundo das Coisas** – Umwelt: relação com o corpo, com a matéria, com a sobrevivência, com o habitat.

**Mundo com Outros** – Mitwelt: vínculos afetivos, relações familiares, comunidade, alteridade.

**Mundo da Transcendência** – Überwelt: universo dos valores, da fé e do sentido último.

O adoecer se expressa no ser, em meio à desordem de seu existir, o **eu deixa de se apropriar** de suas próprias dimensões. Já não as instala como moradas, nem as orienta para um sentido. E é precisamente com esse sentido que toda a vida humana se organiza e flui com Autenticidade.

#### 4. A Perda de Si

Antes de mergulharmos nos **estratos** mais profundos do adoecimento da alma, olhemos para Jeremias: um homem que encarna o colapso<sup>2</sup> entre o SER e o SENTIDO.

Há dores que não gritam. Mas se instalam — como uma neblina que vai apagando as cores da alma.

Jeremias chegou nesse lugar. Não porque abandonou a fé, mas porque carregava **um chamado mais pesado** que ele mesmo. Seu colapso não era apenas emocional. Era existencial. Não se tratava de uma tristeza qualquer — mas da ruptura entre o ser e o sentido.

A missão parecia não dar sustentação à vida interior. A fé já não fazia companhia. A voz de Deus parecia ter se recolhido, e ele ficou diante de si mesmo — **fragmentado**.

---

<sup>2</sup> **Colapso existencial:** Ruptura interna em que o sentido deixa de sustentar a identidade. É o esgotamento da razão de ser, quando a alma não vê mais para quê continuar.

E aqui vemos algo importante: Nem sempre a alma adoece por **pecado**, fraqueza ou rebeldia. Às vezes, ela adoece por excesso de peso não compartilhado, por palavras engolidas, por feridas expostas ao tempo e à solidão.

Se Jeremias fosse ouvido hoje, talvez seus sintomas seriam nomeados com rótulos clínicos. Mas antes disso, ele é alguém que clamava por sentido. E essa é a **condição de todos** nós, em alguma fase da jornada.

*Como Jeremias, também nós...*

*...podemos viver uma **Desinstalação**<sup>3</sup>.*

Desconectados do sentido, passamos a viver em desinstalação. A alma tenta se sustentar por esforço próprio, **mas se esgota**. Não queremos estar ali, não nesse lugar pessoal, não desse jeito, não hoje...

É como se a alma se alienasse do próprio mundo. E, para não sucumbir ao vazio, o ser passa a buscar ajustes<sup>4</sup> para se manter de pé: prazeres, aparências e poder, a **triade ofuscadora do sentido**.

---

<sup>3</sup> **Desinstalação** – Condição em que o ser se desconecta de si mesmo e do sentido, vivendo de forma dispersa, performática ou esgotada.

<sup>4</sup> **Ajuste Criativo**: Capacidade do ser de adaptar-se criativamente às exigências do presente, integrando fé e realidade.

*“Quando a mulher observou que a árvore realmente parecia agradável ao paladar, muito atraente aos olhos e, além de tudo, desejável para dela se obter sagacidade, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido, que estava em sua companhia, e ele igualmente comeu.” (Ge 3:6)*

#### **4.1.O adoecer é uma Tentativa**

As pessoas não adoecem porque escolheram se perder. A alma não se fragmenta por vontade própria. O adoecer é, muitas vezes, uma **tentativa de viver**. De se ajustar. De responder à dor.

A pessoa tenta ser forte. Tenta se encaixar. Tenta não decepcionar. Tenta não cair. Mas cai, sem alcançar a solução necessária para aquele sofrimento.

O Adoecer é **“A inapropriação da maturidade necessária para a realização do projeto de uma vida com sentido”**.

Esse processo não começa com uma escolha racional. Inicia-se como uma tentativa equivocada — algo que, naquele momento, ofereceu algum alívio, mas logo perdeu a validade. A pessoa se instala nesta posição alcançada, sem saber como se recompor. A alma se inquieta — mas ainda não sabe que se perdeu. Então, o

modo de ser **começa a se falsear**. Só mais tarde é que se percebe, no corpo, nas emoções, nas relações, que algo se quebrou.

É aí que a autodeterminação — aquilo que Noica (2011) chamaria de 'determinação', o momento em que '**soltamos as rédeas**' — começa a mostrar sinais de colapso. A dor, antes silenciosa, se transforma em cansaço, frustração e pessimismo. Mas, mesmo ali, o sofrimento ainda não é totalmente consciente — é apenas pressentido.

Por isso, nenhum julgamento pode vir antes da escuta. E nenhuma cura pode nascer sem compaixão.

#### **4.2. Deus não nos tenta**

A alma inautêntica é aquela que tomou atalhos e se perdeu na jornada. Mas isso não a torna irrecuperável — apenas revela o quanto precisa de reencontro. E para Deus, todas as coisas são possíveis.

“O sofrimento não é sempre pecado. Às vezes, é só humanidade tentando se ajustar. E é fundamental dizer: **Deus não é quem faz perecer**, nem quem nos tenta. Jó adoeceu mesmo sendo fiel. Deus não nos adocece, nem nos prova com maldade”.

Ele nos permite viver com liberdade — e nessa liberdade moram nossos erros, escolhas, repetições e vazios.

**“Deus não é a causa da dor. Ele é a cura para ela.”**

O sofrimento não é plano divino — é consequência humana. Mas Deus transforma consequências em caminho. Ele atravessa a dor conosco. E nos chama de volta, sempre, com amor.

*“Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.” (Mt 11:28)*

Essa é a alma inautêntica: potência ferida, não derrotada — mas **desapropriada** em sua busca por sentido. Não abandonada, mas chamada. Chamada a voltar — para si, para a Fonte, para o Amor que cura.

## **5. Terreno Invisível: Onde o Adoecer Começa**

Antes de mergulharmos nos níveis mais evidentes do adoecer da alma, é preciso lembrar: a vida interior tem uma base — ela pulsa num corpo. Um corpo sensível, vulnerável, limitável.

Há dores que não nascem de traumas psíquicos nem de crises espirituais, mas do simples **esgotamento vital**. Há adoecimentos que começam sutilmente, no silêncio do

corpo vivido: no sono interrompido, na respiração contida, no alimento inadequado, no ritmo insustentável.

O ser humano não é feito de partes, mas de entrelaçamentos. Corpo, alma e espírito não são fragmentos sobrepostos, mas dimensões entrelaçadas da mesma vida — **potências conjugadas** que se atravessam em cada gesto, em cada silêncio, em cada vivência.

Quando o corpo já não repousa, a alma começa a se inquietar. Quando o ritmo vital se torna opressor, o interior se torna árido, sem espaço para o repouso, para o sentir, para o encontro.

Esse é o primeiro **eco do adoecer**: quando o terreno invisível da existência — o corpo sensível, vivido — começa a ceder sob o peso de uma vida que perdeu o compasso.

Mas quase sempre só percebemos isso tarde demais — quando o colapso já se manifesta na alma e nos vínculos, nos pensamentos e nos gestos. **A ruptura começa no invisível**. E se desdobra até se tornar visível.

### **5.1.Descendo os Degraus da Desintegração**

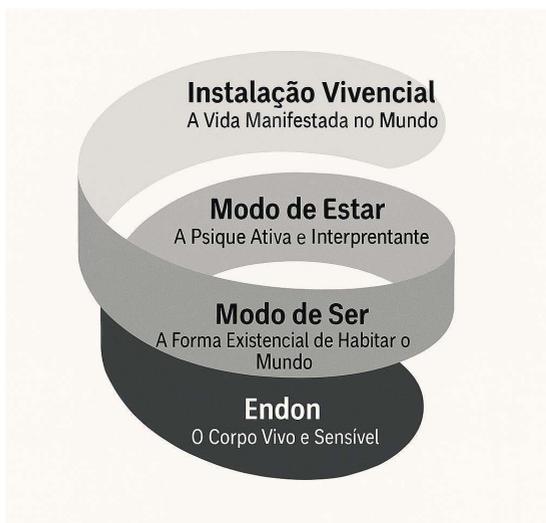
O adoecer da vida interior pode ser compreendido como uma travessia descendente por quatro estratos existenciais. Eles se organizam do mais profundo e

menos consciente ao mais exterior e evidente, revelando o caminho que vai da sutileza sensível à manifestação do colapso. São eles:

1. **Endon**<sup>5</sup> –  
O Corpo Vivo e  
Sensível

2. **Modo de Ser** –  
A Forma Existencial  
de Habitar o Mundo

3. **Modo de Estar** –  
A Psique Ativa e  
Articulante



4. **Instalação Vivencial** – A Vida Manifestada no Mundo

Embora apresentados em sequência, esses estratos não operam como degraus rígidos, mas como **campos interligados** em constante troca. Há uma circularidade viva entre eles — uma dinâmica de coimplicação.

---

<sup>5</sup> **Endon**: O estrato mais profundo da alma, onde a existência se entrelaça ao corpo de forma pré-reflexiva. É o núcleo sensível da vida, anterior à linguagem e à consciência plena, que se manifesta através do corpo vivido. Nele se configuram as primeiras disposições existenciais, os tons afetivos de fundo que moldam o modo de ser-no-mundo — como um solo silencioso onde a alma começa a adoecer antes mesmo de compreender sua dor.

O modo de ser influencia o estilo de vida, que afeta o corpo; o corpo impõe ritmos, dores e limites que moldam o modo de estar; as formas de pensar e interpretar a realidade podem endurecer o modo de ser, afetar os vínculos e esgotar o corpo.

O adoecer nunca é isolado. Ele é sempre uma **orquestração dissonante** entre as dimensões do ser.

Já escutamos, nas linhas anteriores, o sussurro do primeiro estrato: o corpo que sofre antes mesmo de ser escutado. Agora, voltamo-nos ao segundo degrau — o modo de ser. É nele que a alma começa a moldar sua forma de existir no mundo. E é por ele que a desintegração prossegue.

### **A. A Ruptura com o Sentido – Quando identidade desaparece. (Modo de ser)**

Há uma sede que antecede todas as outras: sede de sentido. Sede da Fonte. Sede de Deus. Essa é a demanda inicial da vida — aquela que move silenciosamente a alma desde o seu primeiro despertar, aqui chamamos de Desconexão ontológica.

Vários pensadores descreveram essa ruptura com palavras diferentes:

- ✓ Erich Fromm (2000) falou de uma desconexão primordial — a perda da unidade original entre o ser humano e sua origem;
- ✓ Karen Horney (1983) chamou de angústia básica — o sentimento de isolamento e insegurança profunda;
- ✓ R.D. Laing (1982) identificou uma insegurança ontológica — o medo de deixar de ser diante do outro;
- ✓ Alfred Adler (1959) propôs a ideia de uma sensação de inferioridade fundamental — a percepção interna de inadequação e carência existencial.

Mas todos convergem para a mesma realidade:

Há uma fratura no eixo, um déficit na existência humana — um vazio, uma angústia, uma desconexão que nos **impela a buscar preenchimento**.

Essa **sede de sentido** — que poucos reconhecem, mas todos carregam — é a força primeira que mobiliza a consciência. Tentamos nos autoafirmar por caminhos diversos, mas a maturidade da vida sempre nos leva de

volta à pergunta essencial: qual é o verdadeiro Sentido de tudo isso?

Kierkegaard (2003) chamou esse estado de desespero — quando o eu tenta **ser sem o fundamento**.

Lavelle (2012) via isso como **ausência de presença<sup>6</sup> interior**.

Essa é a ferida na origem. O corte invisível que nos separa da Fonte. A ruptura entre o Ser e o Sentido.

Essa ruptura não dói apenas na alma — ela dói no corpo, no peito, no coração acelerado; é a condição imanente da **alma decaída**. Em crise, em alguns, ela se apresenta como um aperto silencioso, como se a vida estivesse sendo estrangulada por dentro. Em outros, como uma saudade sem nome — o desejo de algo que nunca se teve, mas cuja falta grita.

Essa **dor de identidade** é a expressão de uma personalidade desorganizada, que já não sabe quem é, nem para onde vai. É a experiência de viver em exílio dentro da própria pele. Uma angústia que não vem de fora, mas emerge de um vazio interno — um vazio que rejeita ser preenchido por qualquer coisa deste mundo.

---

<sup>6</sup> **Presença:** Estar inteiro e consciente na experiência vivida, sem evasão interior, abrindo-se à graça de Deus.

Aqui se manifesta o adoecer do segundo estrato: nosso modo de ser no mundo.

### **B. A desconexão com a Realidade — quando a vida deixa de fluir (modo de estar)**

Depois da ruptura, a alma segue vivendo. Mas de forma desconectada. Brito (2015) descreve oito **estilos de desconexão** com a realidade que afetam o modo de estar no mundo, nossa mentalidade singular — aqui traduzidos à luz da experiência espiritual:

Depois da ruptura entre o Ser e o Sentido, a alma segue vivendo — mas agora desconectada de seu centro. Ainda consciente, ainda ativa, ela tenta se reorganizar para suportar o vazio que ficou. É nesse estágio que surgem **estilos de desconexão**: padrões de funcionamento que se tornam tentativas de sustentar uma existência sem fundamento.

Esses modos não são apenas estratégias cognitivas ou comportamentais. São tentativas silenciosas da alma de se adaptar ao colapso. Cada um deles revela uma dor não reconhecida, uma defesa moldada pelo medo, e uma distorção que, por mais que tente ajudar, termina por nos afastar ainda mais de nós mesmos.

A seguir, inspirados na leitura espiritual de Ênio Brito (2015), revisitamos esses estilos como expressões vivenciais do adoecer da alma:

### **I. Quando deixo de sentir para suportar (Dessensibilização)**

Anestésio os afetos. Desligo o coração. Sigo o dia como se estivesse inteiro, mas por dentro está tudo entorpecido. A dor de sentir é tão grande que aprender a **não sentir** virou sobrevivência. Mas junto com a dor, perco também a alegria, o encanto, o arrepio da alma viva.

A dessensibilização é a defesa de quem já sofreu demais — preferir o nada a correr o risco de sentir tudo outra vez.

### **II. Quando engulo o que não é meu (Introjeção)**

Absorvo crenças, regras e expectativas sem passar pelo crivo da consciência. Minha alma se torna depósito de palavras alheias. Obedeço, repito, reproduzo. Mas não sei mais o que creio. E nessa obediência **sem discernimento**, minha voz vai se apagando. Já não sei se o que faço é por convicção... ou por medo de desapontar.

A introjeção é uma **alienação interior** — vivo a vida que esperam de mim, não a que desperta em mim.

### **III. Quando me machuco para não ferir (Retroflexão)**

Toda emoção bloqueada retorna como peso. Seguro o choro, engulo a raiva, tranco o grito. Em vez de expressar, reprimo. Em vez de agir, implodo. Minha força se vira contra mim, e o corpo começa a gritar o que a alma silenciou.

A retroflexão é o preço de ser bom demais — **me anulo** para manter a paz, mesmo que isso me custe a saúde.

### **IV. Quando faço ao outro o que gostaria pra mim (Proflexão)**

Faço esperando um retorno desmedido. Moldo gestos, palavras e atitudes para atender expectativas que talvez nem existam. Me tornei um personagem que se ajusta a cada cena, escravo de imagens que construí para ser aceito.

A proflexão é a **renúncia de si** — um teatro de instabilidade e impulsividade que deixa a alma vazia no camarim.

### **V. Quando culpo o outro pelo que é meu (Projeção)**

Me defendo atacando. Me protejo acusando. É mais fácil apontar o erro no outro do que encarar minha própria dor.

Cada conflito se torna um espelho quebrado: vejo no outro o que não consigo aceitar em mim. Mas ao deslocar a dor, eu a perpetuo. E fico preso num ciclo de afastamento.

A projeção é uma **fuga invertida** — ao afastar o outro, tento proteger o que em mim ainda sangra.

## VI. Quando desvio o olhar do que é real (Deflexão)

Falo de tudo, menos do que dói. Faço piada para não chorar. Vivo nas margens, evitando o centro da dor. Me distraio com ruídos, tarefas, telas — qualquer coisa que me poupe do silêncio que revela.

A deflexão é uma dança com a superfície — uma **fuga da profundidade** onde habita a verdade.

## VII. Quando me observo demais e vivo de menos (Egotismo)

Analiso tudo, controlo tudo, racionalizo tudo. Estou tão presente que me ausentei da vida. O egotismo é uma busca desmedida por **autoafirmação**, onde o eu se infla até ocupar todo o espaço da consciência — e, nesse inchaço, acaba por sufocar o mundo, negar os outros e distorcer a realidade.

O egotismo é uma prisão da autoafirmação — o eu se torna tão presente que a vida não encontra mais lugar.

## VIII. Quando me perco para ser aceito (Confluência)

**Adapto-me** a tudo. Digo sim quando queria dizer não. Copio, imito, cedo. Me dissolvo nos desejos dos outros porque tenho medo de perder o amor. Mas, aos poucos, deixo de existir como alguém distinto. A alma começa a esquecer o próprio nome.

A confluência é o exílio da identidade — o medo de rejeição me leva a viver na pele de outros.

Essas performances não são falhas morais. São formas de defesa, **esforços mal-ajustados** para lidar com o sofrimento do vazio. Mas quando se tornam estilo de vida, adoecem a mente. Para curar o modo de estar, é preciso reconhecer os roteiros repetidos... e abrir espaço para apropriação da vida com sentido.

### C. O esforço para adaptar — Ajustes Iludidos e arrastados (Instalação)

A dor chega à superfície. E aí surgem os mecanismos de **compensação**, uma tríade que ilude e anestesia.

➤ **Aparência:** vivo na superficialidade da vida, aparento ser quem não sou, buscando aprovação. Aqui está o autoengano que atende ao desejo dos olhos.

➤ **Poder:** busco segurança nos bens, evito vulnerabilidade, quero controlar tudo e todos. Aqui está a busca de domínio que responde à soberba da vida.

➤ **Prazer:** busco experiências que anestesiem a alma — consumo, distração, estímulos. Aqui está a fuga sensorial que corresponde ao desejo da carne.

*“Porque tudo o que **há no mundo** — o desejo da carne, o desejo dos olhos e a soberba da vida — não procede do Pai, mas do mundo.” (1 Jo 2:16)*

Esses mesmos impulsos já estavam presentes no início:

No Éden, a mulher viu que o fruto era agradável ao paladar (prazer), atraente aos olhos (aparência) e desejável para obter discernimento (poder). (Ge 3:6)

E esses mesmos impulsos foram vencidos por **Cristo no deserto:**

Ele foi tentado a transformar pedras em pão (prazer), a lançar-se do pináculo do templo para ser exaltado (poder) e assumir a superficialidade dos reinos do mundo

(aparência) — mas em tudo resistiu, permanecendo no Pai. (Mateus 4:1–11)

Adão caiu por essas três portas; **Cristo fechou** cada uma delas.

A alma adoecida, quando não encontra sentido, volta a abrir essas portas, **tentando autoafirmar-se** onde deveria habitar.

Mas nenhuma dessas estratégias cura. Elas apenas **adiam o colapso** — e aprofundam o cansaço.

Vivemos em uma época que celebra justamente aquilo que adoce a alma: a imagem acima da verdade, o controle acima da entrega, o prazer acima do sentido. Esse estilo moderno de viver — **acelerado, ansioso, competitivo** — nos separa cada vez mais dos princípios vivenciais do cristianismo, onde o valor da vida não está no que se mostra, se conquista ou se consome, mas no que se é diante de Deus.

A alma humana, extraviada de si por esse modo de existência **superficial e performático**, vai perdendo seu eixo, sua força, seu centro. Mas nem toda dor é fim. Há um ponto em que o cansaço se torna abertura, e a queda, oportunidade.

**Dizem que de Médico e Louco...**

**Todo mundo tem um pouco...**

**O problema surge...**

**Quando quero ser Médico da vida do outro,**

**E me torno um “louco” para mim mesmo.**

## **5.2 – O Grito silencioso da Alma**

Há momentos em que a **alma se perde** — desconectada do sentido que sustenta o existir. Esgotada de lutar contra si mesma, já não implora por respostas: apenas deseja não mais doer. É o vazio que não clama por prazer, mas por verdade. A alma adoecida se sente à deriva, incapaz de voltar para casa.

Essa é a desconexão ontológica: a **perda do centro** que nos faz perguntar quem somos e por que estamos aqui. Um cansaço que não se resolve com descanso, uma anestesia emocional que encobre o sentir.

E então surge a **Inautenticidade**: o ser já não se move de dentro para fora, mas reage ao que esperam. O eu se fragmenta em papéis. A identidade **vira disfarce**.

**“O adoecer não está tanto no cair, mas no não conseguir mais levantar.”**

É o esgotamento após **tentativas solitárias**. Já não restam forças, nem vínculos que sustentem o pedido de ajuda. O homem à beira do tanque disse: “*Senhor, não tenho ninguém que me ponha no tanque*” (Jo 5:7a).

E a sabedoria ecoa: “Ninguém cura ninguém, mas ninguém se cura sozinho.”

O adoecer da alma não é falência moral. É **condição humana**. A alma tenta se ajustar, gritando por um novo modo de existir.

Há cristãos **sinceros**, que amam a Deus, frequentam igrejas, ministram — mas ainda não amadureceram. “*À essa altura vocês já deveriam ser mestres, mas ainda precisam de leite*” (Hb 5:12). É uma fé real, mas ainda não amadurecida.

Falta apropriação da maturidade necessária. Ainda não integraram seus afetos, escolhas e potenciais à grandeza de Deus. E quando o ser **não se apropria** do Sentido, ele se dispersa — e, nessa desinstalação, adoece.

Esse é o grito silencioso da alma: não o desejo de morrer, mas a impossibilidade de continuar sem um “para quê”.

Aqui, à beira do abismo, nasce o clamor mais autêntico: o **desejo de reencontro**.

Não é o fim.

É o instante antes da cura começar.

Quer continuar essa jornada?

Este é apenas o primeiro passo.

No livro completo A Cura de Cristo: Uma Evidência Divina, você será conduzido por um caminho completo de cura interior: desde o adoecimento da alma até a reconstrução de um projeto de vida com sentido, coragem e fé.

Clique aqui ou acesse o site para adquirir a versão completa.

<https://institutoinstalacaocrista.com.br/fontes-de-inspiracao>

## **Sobre o Autor**

Mauro Teixeira é psicólogo, escritor e mentor cristão. Atua na integração entre fé, ciência e cura da alma, com uma abordagem centrada na psicologia existencial e na espiritualidade cristã. É Fundador do Instituto Instalação Cristã que desenvolve projetos de formação espiritual e maturidade pessoal para cristãos em busca de sentido.